

Antônio Lefèvre foi, com efeito, além de um renomado cientista, um homem que desenvolveu intensa atividade política no campo do socialismo, seja no seio de partidos, seja fora, nas associações de classe, sindicatos e outras instituições.

Estou convencido de que só os homens a um tempo da ciência (cuja meta é, ou deveria ser, a busca da verdade a qualquer preço) e da política (cuja meta é, ou deveria ser, a de fazer com que a vida da *polis* estivesse permeada por esta verdade) podem ser legitimamente investidos da autoridade para impor a verdade.

A autoridade só pode ser legitimamente imposta se se virem fundidos no indivíduo (e não apenas no partido, como se acreditou e talvez ainda se acredite) o político e o cientista.

O político divorciado do cientista é um profissional (competente ou incompetente, pouco importa) cuja meta é o atingimento e a manutenção do poder. Os mais corajosos chegam a dar a vida pelo triunfo das idéias que defendem. Mas a sua especialização, o fato de concentrarem seus esforços na ação, no como, no instrumental, faz quase que necessariamente com que o objeto desta ação, ou seja, as idéias, se cristalizem em dogmas (sejam eles a livre iniciativa, a economia de mercado, a ditadura do proletariado ou a transmissão dos caracteres adquiridos) a serem defendidos contra tudo e contra todos, inclusive contra a verdade.

O cientista amputado do político (e isto torna-se meridianamente claro nos dias de hoje), por não estar preocupado em tornar políticas, ou seja da *polis*, e, conseqüentemente, de

todos os seus habitantes, as suas verdades, acaba se tornando um subordinado do poder, que se serve da sua ciência para construir as bases ideológicas e técnicas garantidoras da hegemonia.

Ao político e ao cientista puros faltam, portanto, os traços distintivos do ser humano raro — o espírito crítico, aliado a uma postura democrática —, que permitem ao homem criar e batalhar por idéias próprias e necessariamente verdadeiras porque submetidas ao duplo crivo do juízo crítico e dos interesses dos membros da *polis*.

É fácil deduzir daí que indivíduos (como meu pai) ao escolherem para si o duplo papel de cientistas e políticos não escolheram um caminho cômodo.

Os que o conheceram sabem que suas atitudes firmes com os cientistas a serviço do poder e os políticos a serviço do dogma não deixaram de trazer-lhe sérias complicações na esfera científico-institucional e político-partidária.

E nós, que o conhecemos na intimidade, sabemos que a sua postura íntegra não deixou, sobretudo no fim de sua vida, de refletir em seu estado de espírito, tornando-o um homem desiludido (se bem que nunca amargo) com o mundo que o cercava.

Antônio Lefèvre, com sua vida, recupera o sentido legítimo da idéia de autoridade, que é capital resgatar nos dias que correm, ainda tão marcados pelo autoritarismo ilegítimo.

Fernando Lefèvre